

**B B M**

**10**

**A N O S**

**U M A**

**B I B L I O T E C A**

**V I V A**

ORGANIZAÇÃO

**ALEXANDRE MACCHIONE SAES   HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES   PLÍNIO MARTINS FILHO**  
ENSAIO VISUAL DE **GUSTAVO PIQUEIRA**   A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DE **KAIQUE XAVIER**

publicações  
**BBM**

Copyright © 2024 by Alexandre Macchione Saes,  
Hélio de Seixas Guimarães, Plínio Martins Filho

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, das editoras.

Ficha catalográfica elaborada pelo  
Serviço de Biblioteca e Documentação da  
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM/USP)

---

*BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva* / Alexandre Macchione  
Saes; Plínio Martins Filho; Hélio de Seixas Guimarães (orgs.).  
– São Paulo: Publicações BBM, 2024.  
468 p. : il. ; 21 x 25,8 cm

ISBN: 978-65-87936-37-6

1. Bibliotecas – História 2. Brasileira 3. Preservação 4. Patrimônio  
Bibliográfico 5. Mindlin, José E. I. Organizadores. II. Título.

CDD 027.07981

---

Bibliotecária: Jeanne B. Lopez, CRB-8/7268

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin  
Rua da Biblioteca, 21 – CEP 05508-065  
Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil  
bbm@usp.br / tel.: (11) 2648-032

**Uma Brasileira para o Leitor  
do Século XXI: Da Sala de Leitura  
a um Projeto Museológico Imponente<sup>1</sup>**

Marisa Midori Deaecto

*Universidade de São Paulo*

43

*La bibliothèque est ce lieu indispensable où le savoir décante.*

Michel Melot<sup>2</sup>

ONDE TUDO COMEÇA:

UM JARDIM E UMA BIBLIOTECA

No Brasil, a palavra “brasileira” está tão intimamente relacionada à figura de Guita e José Mindlin que soa redundante apresentá-los. No entanto, como introduzir o assunto, sem pensar na sala ensolarada, com as paredes forradas de belas encadernações e cercada por um delicioso jardim, naquela casa dos livros, situada na rua Princesa Isabel, na cidade de São Paulo? Se tens um jardim e uma biblioteca, diria Cícero... sim, eles tinham tudo! E uma grande alegria que era generosamente compartilhada com seus convivas. José Ephim Mindlin (1914-2010) nasceu em São Paulo, formou-se em Direito, trabalhou como jornalista e criou a indústria Metal Leve. Porém, desde que visitou o primeiro sebo da cidade, aos treze anos, jamais abandonou o hábito da garimpagem, da coleção e da leitura. Nas suas palavras:

1 Trabalho originalmente apresentado na “Giornata Internazionali di Studio Le Biblioteche Anche Come Musei: dal Rinascimento ad Oggi”, Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, 16-17 de novembro de 2016. Meus agradecimentos especiais a Rodrigo Mindlin Loeb e Plínio Martins Filho pela cessão de materiais para este artigo.

2 Michel Melot, *La Sagesse du Bibliothécaire*, Paris, L’Œil Neuf, 2004, p. 11 [trad. bras.: *A Sabedoria do Bibliotecário*, São Paulo, Ateliê Editorial/Sesc São Paulo, 2017, Coleção Bibliofilia, 3].

A paixão predominante sempre foi a leitura. Desde a adolescência tinha sempre um livro comigo, aproveitando todos os momentos vagos para a leitura. Aprendi que se pode ler em qualquer lugar, como por exemplo em aulas menos interessantes... Cursei a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, de 1932 a 1936, e muitas vezes me sentava no fundo da sala, enquanto os professores liam monotonamente suas prelações, para aproveitar o tempo lendo grandes obras da literatura nacional<sup>3</sup>.

Chegou a montar com amigos uma livraria de raridades, que não teve vida longa, tal é a distância entre o amante e o vendedor. A vida do empresário e colecionador também se confunde com a do editor e promotor cultural, sobretudo quando esteve à frente da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, de 1974 a 1976<sup>4</sup>. Mindlin foi eleito para a Academia Paulista de Letras, em 1999 e, em 2006, para a Academia Brasileira de Letras. Suas histórias figuram em diversos livros, escritos por ele mesmo, ou em coletâneas de textos redigidos por amigos e admiradores. Seu maior feito, contudo, foi o de ter se empenhado em todo o processo burocrático, complicado e lento, para a doação de sua biblioteca à Universidade de São Paulo. À sua inestimável coleção brasileira, somaram-se os volumes do amigo Rubens Borba de Moraes (1899-1986):

Sua biblioteca, que nos deixou em testamento, encontra-se em nossa casa, arrumados os livros como estavam em casa dele, e na própria estante original. Existem, naturalmente, muitas duplicatas, mas conservamos a biblioteca intacta, sem misturá-la com a nossa, pois uma biblioteca exprime a personalidade de quem a formou<sup>5</sup>.

Essa história quedaria, todavia, incompleta, se Guita Mindlin (1916-2006) não tomasse algumas breves linhas desta página de apresentação. E não é porque as esposas costumam ser apresentadas como as piores inimigas das bibliotecas domésticas, geralmente cultivadas pelos maridos, o que faz do livro um objeto de litígio na pretensa harmonia familiar<sup>6</sup>. Nada disso! Sua presença vai além do

3 José Mindlin, *No Mundo dos Livros*, São Paulo, Agir, 2009, p. 47.

4 Diante de um regime autoritário, foram difíceis as perspectivas de atuação plena no setor cultural. Alguns de seus projetos, infelizmente inconclusos, teriam deixado uma instituição de promoção cultural sólida no Estado, a exemplo do que se observa na Fapesp, para a área científica. Sobre o assunto, ver José Mindlin, *Uma Vida Entre Livros. Reencontros com o Tempo*, São Paulo, Edusp/Companhia das Letras, 1997, pp. 84-93.

5 *Idem*, p. 113.

6 Em “Mulher de Colecionador”, Rubens Borba de Moraes registra uma história nada incomum, “de um amigo, muito querido que tive e que morreu, não de moléstia do coração, como disseram os médicos, mas de frustração, pelo fato de não poder mais comprar livros, de medo da mulher. O meu pobre amigo só comprava livros pequenos, que podia levar para casa no bolso e esconder entre os outros sem a mulher perceber” (Rubens Borba de Moraes, *O Bibliófilo Aprendiz*, 5. ed., São Paulo, Publicações BBM, 2018, p. 33).

incentivo dado à formação da biblioteca familiar, pois Dona Guita se especializou, num tempo em que esta palavra era desconhecida no setor, no trabalho de preservação e restauro de livros. O primeiro livro restaurado foi um exemplar raríssimo da edição *princeps* de *Marília de Dirceu*, de 1821, doada ao casal em condições bem ruins. O trabalho ganhou fôlego e culminou na criação, em 1988, da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro, por Guita Mindlin e Thereza Brandão Teixeira<sup>7</sup>.

Enfim, tudo começa numa biblioteca cercada por um jardim. O tempo cuidou de acumular experiências, volumes e realizações. Quando esse projeto de vida se converteu em um projeto institucional, transferiu-se para a Universidade de São Paulo algo mais do que livros raros, cujo valor não se questiona. No entanto, as primeiras vivências uspianas já nos permitem avançar um pouco mais em algumas reflexões sobre o sentido da biblioteca na comunidade acadêmica. Talvez as antigas tertúlias na sala de estar e, depois, no conjunto anexo à casa da família Mindlin se aproxime bem da imagem do antigo museu alexandrino, onde o fim de tudo era a sociabilidade criada pela convivência com os livros. Onde a importância de se pensar a arquitetura, a leitura e os programas culturais de forma articulada, pois deve existir uma relação orgânica entre as partes e o todo. E o todo não é apenas uma biblioteca, mas um museu, no sentido original da palavra (do grego *mouseion*, templo das musas), ou um complexo cultural, para usar um termo contemporâneo.

Antes, porém, de avançarmos nesse ponto, algumas palavras são necessárias para situar os múltiplos sentidos atribuídos à ideia de “brasiliana” nas últimas décadas, os quais acompanharam as mutações do estatuto dos livros e das coleções no curso de dois séculos.

#### BRASILIANA, BRASILIANAS

A biblioteca brasiliana se caracteriza por uma coleção de livros e de documentos – manuscritos e impressos – sobre o Brasil. Uma brasiliana clássica contém correspondências, diários, narrativas de viagens, histórias, imagens e mapas produzidos desde a época das Grandes Descobertas até 1900. Ela não incorpora, portanto, outro conjunto formado ao longo do século xx, cuja importância para a história do livro e da edição brasileira está fora de dúvida. É que, por questões de método e respondendo em certo sentido à dinâmica dos livros nos circuitos

<sup>7</sup> Segundo José Mindlin, “Não resisto à ideia de dizer que sou testemunha de sua dedicação e do interesse com que se entregou ao assunto durante décadas, procurando conhecer as técnicas desse trabalho e as inovações surgidas a respeito no Brasil e no exterior, e do seu empenho em difundir o mais possível o assunto, buscando contribuir para a formação de bons técnicos, evitando, assim, a aplicação de métodos empíricos e, por vezes, nocivos” (Plínio Martins Filho e J. Guinsburg (orgs.), *A Loucura Mansa de José Mindlin*, São Paulo, Edusp, 2014, p. 32).

da bibliofilia, essas edições mais “recentes” constituem o que Rubens Borba de Moraes denominou “coleção brasileira”<sup>8</sup>.

Os primeiros catálogos especializados surgiram, nesse sentido, a partir do inventário de bibliotecas cuja composição total ou parcial se voltava para materiais que respondiam aos critérios acima expostos. Enquanto as bibliografias resultaram do trabalho de especialistas no sentido de repertoriar livros e documentos, dispersos em bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros, os quais perfaziam uma brasileira ideal.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que a confecção dos primeiros catálogos de obras raras sobre o Brasil remonta ao processo de instalação da Biblioteca Real (logo, Nacional), no contexto de transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808). Mas foi após a Independência (1822) que o interesse por essas questões do livro ganhou força, refletindo um movimento maior de afirmação das instituições nacionais<sup>9</sup>. Mais tarde, em 1881, era lançada a *Exposição de História do Brasil, Realizada pela Biblioteca Nacional a 2 de Dezembro* (natalício do imperador D. Pedro II). A publicação de um guia da exposição constitui o ponto alto de valorização da brasilidade cuja expressão se dá sob a forma de um catálogo bibliográfico<sup>10</sup>.

8 Na verdade, veremos que o recorte cronológico muda sensivelmente entre a primeira edição de *Bibliographia Brasiliana* (Amsterdam, 1958) e a segunda (Califórnia e Rio de Janeiro, 1983). Se, na primeira, era explícito o interesse em incorporar as obras impressas durante o século XIX, na segunda, a importância e o caráter raro dessas edições será relativizado, como o autor deixa entrever no “Prefácio”, em passagem citada mais adiante. A distinção que se faz entre a coleção brasileira e a coleção brasileira é explicada nos seguintes termos: “Ao primeiro grupo pertencem os livros sobre o Brasil, impressos entre 1504 (data do primeiro livro sobre o Brasil) e 1900. Pertencem à Brasiliana, igualmente, os livros escritos por brasileiros durante o período colonial (das primeiras manifestações literárias até 1808, data em que se encerra, na realidade, o período colonial e onde se começa a imprimir regularmente entre nós). Ao segundo grupo pertencem os livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias. É vasto o período e largo o campo [...]” (Rubens Borba de Moraes, *O Bibliófilo Aprendiz*, 5. ed., São Paulo, Publicações BBM, 2018, pp. 164-165).

9 O primeiro catálogo data de 1821, organizado por Frei Antonio de Arrábida, segundo determinação dos *Estatutos da Real Bibliotheca Mandados Ordenar por Sua Magestade* (Rio de Janeiro, Regia Typographia, 1821). Embora os primeiros esforços de consolidação e fomento do antigo acervo trazido de Portugal não traduzem obviamente o interesse particular de constituição de uma biblioteca nos moldes da Brasiliana, tal como a concebemos nos dias de hoje, é interessante observar os esforços daqueles primeiros bibliotecários em agregar, a partir de 1811, acervos expressivos de intelectuais brasileiros que atuaram na Colônia e na Metrópole, ou na Europa de modo mais abrangente. Citamos, a título de exemplo, as coleções de Frei José Mariano da Conceição Veloso, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, José da Costa e Silva, Conde da Barca, Francisco de Mello e Franco, Francisco Gomes da Silva (o Chalaça), Marquês de Santo Amaro, José Bonifácio de Andrada e Silva... para ficarmos até o ano de 1838. Ver: Gilberto Vilar de Carvalho, *Biografia da Biblioteca Nacional (1807-1990)*, Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1994, pp. 40-49; *O Bibliotecário do Rei. Trechos Selecionados das Cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2007; Lília Moritz Schwarcz, *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis. Do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

10 Cf. *Guia da Exposição de História do Brasil. Realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1881*, Rio de Janeiro, Typographia da Gazeta de Notícias, 1881; João de Saldanha da Gama, *Catálogo da Exposição Permanente de Cimélios da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1885.

Nesse primeiro contexto de formação do repertório bibliográfico nacional, merece destaque o papel desempenhado pelos intelectuais reunidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838. No esforço de recuperação de documentos dispersos na Europa, evidenciava-se o conteúdo político de tal empresa: escrever a história da nação. Tornam-se, portanto, de suma importância as pesquisas encaminhadas, entre outros, por Francisco Adolfo de Varnhagen, futuro Visconde de Porto Seguro (1816-1878), responsável pela sistematização de uma verdadeira *monumentae* brasileira<sup>11</sup>. Somaram-se a esses primeiros trabalhos novos catálogos e bibliografias que buscaram enfatizar a produção de autores brasileiros ou de títulos sobre o Brasil. Nesse ponto, os dicionários bibliográficos de Innocencio da Silva e de Sacramento Blake figuram como exemplos eloquentes do esforço de mapeamento da produção intelectual luso-brasileira<sup>12</sup>.

Cumpre, ainda, ressaltar a contribuição estrangeira, o que faz da “brasileira” uma seção da “americana”<sup>13</sup>. Notemos, enfim, que as bibliografias internacionais dedicadas às coleções americanas ou brasileiras constituem testemunhos importantes do interesse que essas obras despertaram ao longo dos séculos, por parte de leitores e colecionadores, cujas bibliotecas foram protegidas da ação, não raro intempestiva, dos homens e do tempo. Provam-no as raridades bibliográficas dispersas por toda a América e pelo Velho Mundo<sup>14</sup>, as quais constituem

11 Além da pesquisa documental nos arquivos internacionais e das traduções que realiza, ele desenvolve o projeto de uma primeira *História Geral do Brasil* (Madrid, Viúva Rodriguez, 1854-1857, 2 vols.). Dentre outros estudos, ver a mais recente contribuição sobre o Visconde de Porto Seguro: *Varnhagen no Caledoscópio*, org. por Lúcia Maria Paschoal Guimarães e Raquel Glezer, Rio de Janeiro, Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

12 Cf. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1899, 5 vols.; Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1906, 18 vols.

13 Por exemplo, a *Bibliotheca Americana Vetustissima, A Description of Works Relating to America Published Between 1492 and 1551*, New York, Geo. P. Philes, 1866. O volume apresenta uma introdução histórica fabulosa sobre as bibliotecas americanas, assinada por “H. H.” (Henry Harrisse). Mais recentemente a John Carter Brown publicou excelente bibliografia sob o título *Portuguese and Brazilian Rares Books in the John Carter Brown Library (1537-1839). With a Selected of Brazilian Printed in Countries Other Than Portugal and Brazil*, compiled and edited by Valeria Gauz, Providence, John Carter Brown Library, 2009. Notemos, nesse caso, que a palavra “brasileira” já foi introduzida no título como forma de qualificar o conteúdo da coleção.

14 Pensando na contribuição francesa, cujas bibliotecas detêm um patrimônio inestimável de títulos sobre o Brasil, citemos dois títulos que tiveram importância no seu tempo: do prestigioso livreiro francês que atuou em São Paulo, no último quartel do século XIX, A. L. Garraux, *Bibliographie Brésilienne. Catalogue des Ouvrages Français et Latins Relatifs au Brésil (1500-1808)*, Paris, Ch. Chadenat; Jablonski, Vogt et Cie., 1898. Uma segunda edição foi publicada, com introdução de Francisco de Assis Barbosa, pela editora José Olympio, em 1962, para celebrar o n. 100 da Coleção Documentos Brasileiros; George Readers, *Bibliographie Franco-brésilienne (1551-1957)*, avec la collaboration de Edson Nery da Fonseca, Rio de Janeiro, INL, 1960.

alvos inquestionáveis de muita cobiça, como se pode observar nos catálogos de antiquários e de leilões internacionais<sup>15</sup>.

Não se trata, nos limites do presente texto, de recuperar os catálogos e as bibliografias que se ocuparam dos livros raros sobre o Brasil, mas de assinalar sua relevância para uma primeira definição de brasileira como corpus bibliográfico. Se bem que, como é possível observar nos exemplos citados em nota, o qualificativo “brasileira” não aparece nos títulos, salvo em um caso mais recente<sup>16</sup>, o que equivale dizer que a palavra ainda não sintetizava nem uma ideia, nem um conceito.

De fato, a palavra e a ideia serão forjadas após a publicação de *Bibliographia Brasiliana. A Bibliographical Essay on Rare Books on Brazil Published from 1504 to 1900 and Works of Brazilian Authors Published Abroad Before the Independence of Brazil in 1822*, por Rubens Borba de Moraes<sup>17</sup>. No “Prefácio” à segunda edição (1983), o autor reitera o significado atribuído ao termo, quando discorre sobre o critério de seleção dos títulos:

Mantive, no entanto, o mesmo objetivo: descrever e comentar livros raros que enfocassem vários aspectos do Brasil, antes, ou imediatamente após a Independência, em 1822. Incorporei os verbetes de minha *Bibliografia Brasileira do Período Colonial* (São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1969) e encurtei os comentários. Nesta edição revista, os verbetes relativos aos livros dos séculos XVI, XVII e XVIII tiveram maior destaque do que aqueles das obras publicadas no século XIX, época em que a produção foi intensificada<sup>18</sup>. Uma vez que os livros se tornaram mais acessíveis, as publicações desse último período deixaram de encaixar-se numa bibliografia sobre livros raros<sup>19</sup>.

15 Ver *Bibliotheca Brasiliensis; Catalogo Annotado de Livros Raros, de Alguns Autographos e Manuscriptos Importantissimos e de Gravuras sobre o Brasil e o Descobrimento da America, 1493-1930* (London, Magg and Bros, 1930). Trata-se de um catálogo impecável, promovido por um antiquário londrino de alto prestígio. Mas a questão não se limita ao levantamento desses catálogos. Há um outro ponto de suma importância. No momento, é preciso assinalar um problema grave que nos aflige, o qual foi apontado com ênfase por um brasileiro, professor Leopoldo Bernucci, da Universidade da Califórnia (Davis), durante o Seminário Internacional Brasileira, Brasilianas, organizado pelo NELE (Núcleo de Estudos do Livro e da Edição), em novembro de 2013. Trata-se do envio (por roubo ou aquisição no mercado negro) de obras raras brasileiras para o exterior. Sem dúvida, a fuga desse patrimônio nacional deve entrar na pauta das bibliotecas e dos bibliógrafos especializados, como se apontou naquela ocasião.

16 Além do exemplo citado da John Carter Brown, que já incorpora o qualificativo “brasileira” na edição de 2006, observa-se atualmente a iniciativa de fixar o termo brasileira em coleções que seguem o mesmo programa. Essa tendência se confirma em duas bibliotecas de vulto: *Brasiliana Itaú. Uma Grande Coleção Dedicada ao Brasil*, org. por Pedro Correa do Lago e Ruy de Sousa e Silva, Rio de Janeiro, Capivara, 2009; *Brasiliana IHGB, 175 Anos*, org. por Pedro Correa do Lago, Rio de Janeiro, Capivara, 2014.

17 Rubens Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana. Livros Raros sobre o Brasil Publicados Desde 1504 Até 1900 e Obras de Autores Brasileiros do Período Colonial*, 3. ed., São Paulo, Edusp/Fapesp, 2010. Edições anteriores: 1. ed., Amsterdam, Colibris, 1958; 2. ed., Los Angeles, UCLA, 1983.

18 O que esteve longe de dirimir seu interesse pela produção oitocentista (cf. Rubens Borba de Moraes e Ana Maria Camargo, *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, São Paulo, Edusp/Kosmos, 1993, 2 vols).

19 Rubens Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana. Livros Raros sobre o Brasil Publicados Desde 1504 Até 1900 e Obras de Autores Brasileiros do Período Colonial*, 3. ed., São Paulo, Edusp/Fapesp, 2010, vol. 1, p. 15.



Também foram descartados *Os Sermões* e as *Cartas de Vieira*, cuja importância para o conhecimento da sociedade colonial brasileira é indiscutível. Estes e outros tantos escritos da mesma natureza podem ser consultados, lembra o autor, no “volume 1 da notável *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do Pe. Serafim Leite”<sup>20</sup>. Da mesma maneira que foram excluídas, salvo algumas exceções louváveis, outras coleções que perfazem uma brasileira ideal: a cartografia, a iconografia, o conjunto de leis e regimentos relativos ao período colonial. Por certo, um levantamento exaustivo destas referências, tarefa de toda uma vida, senão mais, obrigaria nosso autor a abrir mão do tempo precioso que o levou a dar corpo à *Bibliographia Brasiliana*, com suas descrições precisas e suas excelentes ferramentas de busca.

Brasiliana, termo que se tornou tão familiar entre amantes e estudiosos do livro<sup>21</sup>, ultrapassava sua função conceitual no campo da bibliografia. Na perspectiva enunciada por Rubens Borba de Moraes, brasileira se convertia em objeto de estudo<sup>22</sup>. Cada verbete da bibliografia citada trazia algo mais do que simples informação sobre determinado autor ou obra. Elas constituíam verdadeiras pesquisas editoriais, não raro estudos completos para os quais o autor manejava ferramentas da bibliografia material e da história editorial, ainda pouco difundidas no país. Cumpre ressaltar que essa tendência de “entrelaçar” os conhecimentos da bibliografia e da história passou a ser uma constante em seus estudos<sup>23</sup>.

Na atualidade, o conceito “brasileira” confirma sua vocação polissêmica. Aquela matriz geradora, fundada essencialmente na coleção de livros raros, materializou-se sob a forma de uma importante instituição universitária. Fundada em 2013, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin surgiu como um projeto monumental de guarda e preservação de uma coleção bibliográfica particular. A transferência do acervo para a Universidade de São Paulo abriu uma série de debates acerca do espaço que a futura biblioteca viria a ocupar, além de outras questões relacionadas à gestão institucional. No mais, essa mudança de *locus* abria novas perspectivas para o aproveitamento da coleção, o que sem dúvida incidia sobre o conceito de “brasileira” e sua relação com o público. O projeto resultou em um complexo museológico que hoje comporta a biblioteca, salas de leitura, dois espaços para exposições – sendo uma permanente, dedicada aos patronos do acervo, Guita e José Mindlin – um auditório e uma livraria. O conjunto adquire proporções

20 *Idem*, p.16.

21 Coleção Brasileira significou, para muitos leitores, o célebre projeto da Companhia Editora Nacional, sob a direção de Fernando de Azevedo. Lançada em 1931, a coleção atravessou várias gerações, até adentrar nos anos de 1980, embora sem a mesma força dos primeiros tempos.

22 “A história e a bibliografia de livros antigos estão tão intimamente entrelaçadas que, apesar dos meus esforços em sentido contrário, ocasionalmente me vi transpassando limites alheios” (Rubens Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana Livros Raros Sobre o Brasil Publicados Desde 1504 Até 1900 e Obras de Autores Brasileiros do Período Colonial*, 3. ed., São Paulo, Edusp/Fapesp, 2010, vol. 1, p. 17).

23 Sobre a contribuição do autor para a afirmação das pesquisas sobre “brasileiras”, ver Marisa Midori Deaecto, “Duas Brasileiras”, *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, n. 1, pp. 39-49, 2011.

**FIG. 1.** Fachada da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.  
BANCO DE IMAGENS BBM



ainda mais espetaculares quando somado à outra face do edifício, onde se encontra o Instituto de Estudos Brasileiros<sup>24</sup>.

Essa nova configuração, que agrega ao conceito de brasileira aspectos institucionais e espaciais do uso dos livros, sugere algumas considerações acerca da relação sutil que se estabelece entre arquitetura e leitura.

#### *MOUSEÏON:*

##### ENTRE O CONCRETO, O VIDRO E O AÇO

Dentro do Museu [...] a vida não era nada tranquila. “Na populosa terra do Egito”, escarnecia um poeta satírico da época, “são criados uns garatujadores livrescos que se bicam eternamente na gaiola das Musas”. Timão, o filósofo cético a que se devem tais palavras, sabia que em Alexandria – diz ele vagamente “no Egito” – encontrava-se o fabuloso Museu: chama-o de “gaiola das Musas”, referindo-se justamente àquela aparência de pássaros raros, distantes, preciosos, de seus moradores. Deles diz que “são criados”, referindo-se também aos privilégios materiais concedidos pelo rei: o direito às refeições gratuitas, o salário, a isenção de impostos<sup>25</sup>.

Em 23 de abril de 2002 era inaugurada, sob os auspícios da Unesco, a nova Biblioteca de Alexandria. Ao lançar as bases de um novo centro destinado a

<sup>24</sup> Cumpre ressaltar que edições bibliográficas recentes confirmam o papel da Universidade de São Paulo no sentido de preservar a memória do livro, particularmente, das coleções raras. É o que observamos nos seguintes catálogos: *Bibliotheca Universitatis. Acervo Bibliográfico da Universidade de São Paulo. Séculos xv e xvi*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2000; *Bibliotheca Universitatis. Acervo Bibliográfico da Universidade de São Paulo (Século xvii)*, São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 2001, 2 vols.; *Ciência, História e Arte. Obras Raras e Especiais no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo*, org. Nelsita Trimer, São Paulo, Edusp/Fapesp, 2009.

<sup>25</sup> Luciano Canfora, *A Biblioteca Desaparecida*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 39.

abrigar e preservar a memória das civilizações do mundo, aquela nova instituição erguida com imponência às margens do Mediterrâneo buscava recuperar seu vínculo com um passado brilhante, quando “pássaros raros, distantes, preciosos” fizeram da “populosa terra do Egito” sua morada. Passado e futuro aparecem sintetizados no projeto arquitetônico: “um disco solar inclinado [...] simboliza o nascer do Sol. Elemento que se reveste de um significado particular na mitologia egípcia. É a emergência do farol das ciências e do saber”, observa Ismail Serageldin<sup>26</sup>. Mas o vínculo com o presente e com o futuro se inscreve na fachada principal do edifício, a qual evoca a imagem de um computador que se multiplica no espelho d’água. A parede colossais de granito, onde foram gravadas letras de 120 alfabetos, convida a refletir sobre o espírito cosmopolita que animou aquele antigo templo.

Infelizmente, os cataclismos que atingiram a biblioteca, na Antiguidade tardia, reduziram seus traços físicos a imagens fugidias, registradas pela literatura. Deve-se a Estrabão (63-20 a.c.) as melhores descrições do sítio e da planta do Museu de Alexandria. Sabemos hoje que a biblioteca não constituía um edifício independente, pois os livros eram depositados em estantes no grande salão do museu, ou nas *bibliothēkai*, na acepção original grega. Onde a confusão metonímica que ativou durante séculos a imaginação das gentes na busca de um palácio dos livros.

Na ausência de uma imagem que tenha fixado o modelo exato daquela biblioteca que o homem destruiu, mas cuja história não se apagou no tempo, toda biblioteca se converteu, por extensão, em uma releitura do museu alexandrino. Vale mesmo notar que alguns exemplares contemporâneos chamam a atenção devido à alusão direta que fazem ao antigo templo. A Biblioteca Municipal de Estocolmo conforma um grande cilindro erguido na porção mais elevada de um parque. A fachada é sóbria, tanto quanto a decoração interna. Relevos de cenas da *Ilíada*, dispostos no *hall* de entrada, sugerem a raiz mítica daquele espaço para o transeunte que adentra no salão de leitura. Ali, aguarda-o uma arena forrada de livros e de inscrições monumentais que demarcam as seções temáticas da coleção. O projeto de Gunnar Asplund, de 1928, parece traduzir espacialmente a “gaiola das Musas”<sup>27</sup>, em cujas paredes foram abertas cavidades onde eram depositados os volumes, seguindo a uma ordem de “gênero de autores, anunciados por inscrições adequadas, como as que especificavam as divisões dos Catálogos de Calímaco”<sup>28</sup>. A ideia dos caixilhos embutidos nas paredes foi levada às últimas consequências no projeto de Max Dudler para a Biblioteca da

26 Ismail Serageldin, *Un Bâtiment de Repère. Réflexions sur l'Architecture de la Bibliothèque Alexandrina*, Alexandria, Bibliotheca Alexandrina, 2007, p. 15.

27 James W. P. Campbell & Will Pryce, *A Biblioteca. Uma História Mundial*, São Paulo, Edições Sesc, 2015, pp. 258-263.

28 Luciano Canfora, *A Biblioteca Desaparecida*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 78.

Humboldt Universität, em Berlim, 2009<sup>29</sup>. Mas, ali, são os homens que adentram nas cavidades, como liliputianos em busca de conhecimento nos grandes códices modernos<sup>30</sup>.

São muitos os exemplos que corroboram esta onipresença de Alexandria na arquitetura das bibliotecas. Todavia, parece evidente que elementos estéticos tradicionais e diretamente alusivos não devem comprometer a concepção estrutural e funcional de uma biblioteca. A arquitetura é expressão de valores contemporâneos, da relação do edifício com o meio ambiente e com os homens. Outrossim, ela resulta do emprego de conhecimentos tecnológicos, de técnicas e de materiais disponíveis no seu tempo. Sendo a biblioteca uma construção social, pode-se ler a sua arquitetura pela chave das funções que ela exerce na sociedade.

Nesse ponto, é curioso observar que os arquitetos da nova biblioteca alexandrina não se deixaram seduzir por uma estética passadista<sup>31</sup>. O compromisso com as Musas se manteve, todavia, pelo caráter polivalente da instituição: trata-se de um complexo arquitetônico e cultural que abriga um centro de conferências, um Planetário, onde se instalou o Museu de História Natural e a biblioteca propriamente. Imagens da grande sala de leitura deixam bem claro, aliás, que este compromisso sofreu as releituras do tempo, talvez deixando o espaço consagrado às antigas tertúlias e récitas para as leituras concentradas e o olhar imerso na tela do computador.

De fato, depois da primeira experiência de Alexandria, em 268 a.c., é preciso registrar as múltiplas revoluções pelas quais as mídias passaram, bastando lembrar que a escrita se fixou como o registro por excelência das formas de pensamento (em detrimento do oral). E os antigos volumes deram lugar aos modernos códices. Tal perspectiva gerou a acumulação de mais de dois mil anos de escrita, entre manuscritos e impressos, o que sem dúvida repercutiu sobre os usos dos espaços consagrados não exatamente às tertúlias, mas à leitura. Não mais o *mouseion*, mas a sala de leitura isolada, não raro apartada das *bibliothékai*, ou seja, das estantes. Trata-se de uma tendência observada com maior ou menor

29 James W. P. Campbell & Will Pryce, *A Biblioteca...*, pp. 310-313.

30 Esse sistema de “armazéns” verticais, muito difundidos na Europa e nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, pode ser observado na belíssima Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, projetada por Souza Aguiar e inaugurada em 1910 (cf. *Biblioteca Nacional, 200 Anos. Uma Defesa do Infinito*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2010).

31 O projeto foi escolhido por meio de um concurso internacional promovido pela Unesco. A proposta vencedora foi do escritório norueguês Snøhetta, de Craig Dykers, Christoph Kapeller, Kjetil Thorsen. As obras foram iniciadas em 1995 e tiveram um custo estimado de US\$200.000.000,00. A Biblioteca recebe aproximadamente oitocentos mil visitantes por ano. O edifício foi projetado para acolher vinte milhões de livros. Boa parte do acervo foi formada por doações de todo o mundo, totalizando, hoje perto de duzentos mil exemplares. Contam-se cinquenta mil mapas, dez mil manuscritos raros, cinquenta mil livros impressos raros, além de cinquenta mil fichas de materiais multimídias e audiovisuais.

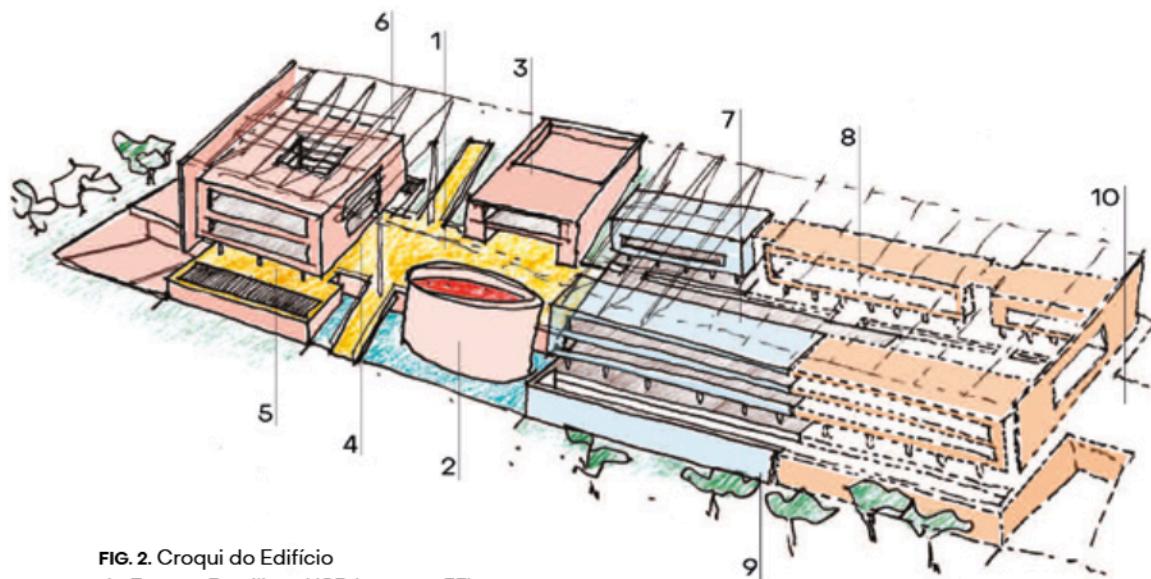


FIG. 2. Croqui do Edifício do Espaço Brasiliana USP (ver nota 33).

BANCO DE IMAGENS BBM

intensidade em alguns projetos arquitetônicos contemporâneos<sup>32</sup>. E o modelo da Biblioteca Brasileira, fundada em 2013, ajusta-se bem a essa nova ordem das coisas. O projeto arquitetônico do que hoje se intitula “Espaço Brasiliana” foi concebido por Eduardo Riesemcampf de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb. Tomando o conjunto em toda a sua extensão, conclui-se que ele foi pensado como um espaço multifuncional que incorpora atividades didáticas e de vivência, pesquisa, conservação e exposição. Divide-se, como se pode observar no esquema da Figura 2, em duas grandes áreas: de um lado, à esquerda, o edifício da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Dividindo o terreno, as áreas de vivência, ou seja, a livreria, com uma sala de exposições no subsolo, a cafeteria no piso superior e, à frente, o grande auditório em círculo. À direita, o edifício destinado ao Instituto de Estudos Brasileiros, onde são ministrados cursos de graduação

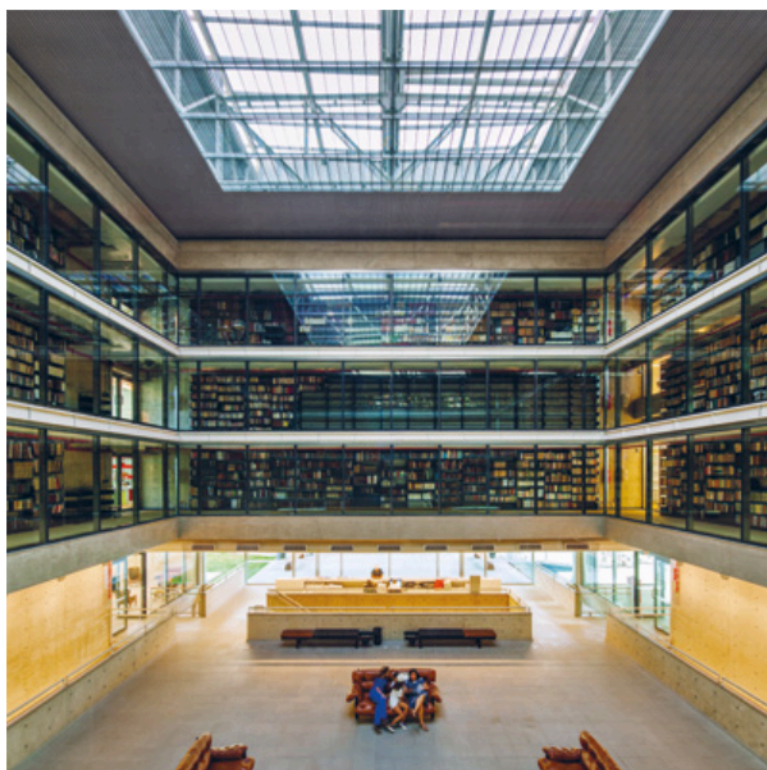
32 No pós-guerra, projetos monumentais como os de Henri Labrouste para a Bibliothèque Sainte-Genève (1844-1850), ou para a Bibliothèque Nationale (1862-1868), na rue de Richelieu caíram em desuso, em função de uma arquitetura mais austera e funcional. Contudo, nada se compara com o movimento observado a partir da década de 1970, quando se viu uma explosão de novos “projetos de bibliotecas, especialmente nos Estados Unidos. [...] É fácil acreditar que essa época foi dominada pelo Modernismo do tipo exemplificado por Bauhaus e Le Corbusier” (James W. P. Campbell & Will Pryce, *A Biblioteca...*, p. 249). Esta tendência se confirma na atualidade, como apontam as edições de 2012, 2014 e 2016 da Lignes des Bibliothèques Européennes de Recherche (LIBER), as quais promovem um panorama arquitetônico completo das edificações realizadas nos períodos em tela. Na última publicação, destaca-se a nova biblioteca universitária de Freiburg, com sua fachada de vidro espolhado, suas passarelas internas de concreto e suas salas amplas e bem iluminadas (cf. *New Library Buildings in Europe*, edited by Mahuela Svobodová, Praha, Vysoká škola Chemicko-technologická v Praze Technická, 2016).





**FIG. 3.** Atrium  
da Beinecke Rare Book  
& Manuscript Library,  
Yale (EUA), 2006.

FOTO: ALEXANDER SLAVTCHEV  
BANCO DE IMAGENS BBM



**FIG. 4.** Átrio  
da BBM, 2013.

BANCO DE IMAGENS BBM

e pós-graduação, exposições são realizadas e, também, onde se conservam arquivos de autores brasileiros, uma biblioteca prestigiosa e uma hemeroteca não menos importante<sup>33</sup>.

E se, como temos afirmado até o momento, todo projeto arquitetônico constitui um fenômeno de transferência cultural a ser investigado, cumpre ressaltar que também os arquitetos brasileiros beberam nas fontes europeias e americanas. Dois projetos saltam aos olhos quando postos lado a lado com o edifício da Biblioteca Brasileira: a Phillips Exeter Academy Library (1965-1971), em New Hampshire (EUA) e a Beinecke Rare Book & Manuscript Library (1960-1963), da Universidade de Yale (Fig. 3).

A primeira é apresentada como “uma referência muito profunda”. Nas palavras de Loeb,

[...] uma das obras-primas do arquiteto Louis Khan (1901-1974) [...] que exibe o vazio central desenhado pela rigorosa estrutura de concreto aparente com suas aberturas verticais em círculo, revelando os painéis de madeira das estantes de livros, aquecendo o espaço da biblioteca. Nota-se ainda os recintos de consulta brilhantemente concebidos, como células individuais dentro do recinto dos livros, cuja luz natural coada atravessa os espaços<sup>34</sup>.

Já a Beinecke Rare Book & Manuscript Library, projetada por Gordon Bunschaft (1909-1990), parece traduzir o ideal de onipresença dos livros que toma de assalto todo o edifício. Para completar essa visada no belo exemplar de Yale:

[...] [os] corredores perimetrais de acesso voltados para o espaço intermediário preservam as condições ambientais dos acervos e revelam aos visitantes o conjunto magnífico que constituem. Na base do conjunto, sob a praça pública, as áreas de trabalho e consulta, que desenham um pátio interno, com um jardim de pedras e escultura desenhado por Isamu Noguchi<sup>35</sup>.

Nos dois exemplares os livros estão ali, moldados entre vidro, aço e concreto, bem perto dos olhos, mas ao mesmo tempo inacessíveis, protegidos da luz solar, das variações do clima e da cobiça devoradora dos homens.

33 No piso térreo distribuem-se as áreas de vivência e uso coletivo: 1. a praça; 2. o auditório; 3. a livraria; 4. o átrio; 5. a sala de exposição permanente; 6. a sala de estudos e de leitura; 7. o saguão do IEB; 8. espaços para consulta ao arquivo e à biblioteca do IEB; 9. a administração; 10. o terraço. No primeiro pavimento se organizam os acervos, a sala de consulta, grandes formatos, acervos de artes visuais, sala de pesquisa e gabinetes dos pesquisadores. A área administrativa, sala de reuniões, setor de comunicação e as Publicações BBM se organizam no segundo andar.

34 Rodrigo Mindlin Loeb, “Um Sonho Quase Impossível”, *Revista do Livro da Biblioteca Nacional*, n. 55, ano 19, 2015, p. 33.

35 *Idem, ibidem*.

Dentre os princípios que nortearam as linhas arquitetônicas da biblioteca, destacam-se:

- Todo e qualquer espaço de acesso público deve ser dignamente planejado, projetado, construído e mantido.
- A Biblioteca é como um organismo vivo infinito.
- A coleção de obras raras exige ser conservada e preservada; de um lado, os livros demandam controle de condições ambientais, limpeza e conservação permanentes (em alguns casos, restauro), condições adequadas de segurança patrimonial; e, de outro lado, o sentido de sua conservação e preservação depende integralmente da ampla divulgação e acesso, razão pela qual as tecnologias digitais têm papel protagonista.
- Um edifício para abrigar livros de mais de quinhentos anos deve durar pelo menos outros quinhentos anos<sup>36</sup>.

Na Biblioteca Brasileira os magazines de livros, bem ao gosto *labroustiano*, preenchem três andares encimados por um teto translúcido, coalhado por estruturas de aço. Nela, “os livros desenham o espaço, devem estar presentes no desenho da Biblioteca, intensificando a densidade atmosférica, visual, real e simbólica”<sup>37</sup>.

A atmosfera dos livros se mantém no interior do átrio, onde foi instalada uma exposição permanente em homenagem aos patronos da instituição. A proposta, no entanto, vai além e configura bem um museu do livro, ou museu “brasileira”, tendo em vista que a exposição não se fixa exclusivamente na figura da família Mindlin. Pelo contrário, os livros e a construção do edifício protagonizam boa parte de um roteiro muito bem amarrado no lema de Montaigne, que serviu como *ex-libris* para a coleção de José Mindlin e de divisa para uma vida dedicada aos livros: “Não faço nada sem alegria”.

Estas duas imagens, a dos magazines de livros e da grande sala de exposição, contrastam com a da sala de leitura de obras raras, situada no primeiro pavimento, porém, aberta para o pátio externo do edifício, ou “praça coberta”, o que amplifica a sensação de isolamento dos leitores em relação ao acervo exposto na porção interna do edifício. As dimensões da sala de leitura são modestas quando comparadas aos espaços de pesquisa e de administração, onde foram depositados os grandes formatos. Tal conformação diz muito sobre as mudanças observadas na “gaiola das Musas”, uma vez que o espaço de convívio social se deslocou do grande salão onde eram armazenados os livros para áreas marginais do museu, ou seja, nos cafés, no auditório, nas salas de exposições, na praça...<sup>38</sup>

<sup>36</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>37</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>38</sup> Não tivemos acesso a um quadro estatístico oficial do movimento de consultas feitas à Biblioteca Brasileira, mas a chefe da seção estima em sessenta visitantes mensais, à época da escrita do presente texto, ou seja, em 2017. O que é muito pouco para um projeto de tal envergadura na maior universidade da América Latina, mesmo que se trate de uma biblioteca especializada e voltada para pesquisadores.



Noutro sentido, é possível pensar que as salas de leituras se reduzem quando há a aposta no leitor virtual, na possibilidade de estender os limites da biblioteca para o ambiente sem fronteiras e sem paredes das bibliotecas digitais. Nesse caso, cabe perguntar em que medida o projeto Brasileira Digital atende às expectativas do leitor do século XXI.

#### UMA BRASILIANA SEM MUROS PARA O LEITOR DO SÉCULO XXI

Se é verdade que o prestígio de um país, ou de uma cidade, ou mesmo de uma universidade pode ser avaliado pela rede de bibliotecas que possui, como observam alguns estudiosos<sup>39</sup>, é mister refletir sobre o papel dos livros nesse complexo midiático e museológico que se tornou a Biblioteca Brasileira.

Afinal, como notamos anteriormente, a biblioteca propriamente se tornou uma seção do museu, ou do Espaço Brasileira. E tal perspectiva se reflete nas dimensões das áreas internas do edifício. No mais, como vimos no croqui apresentado na seção anterior (Fig. 2), são os espaços destinados às múltiplas atividades coletivas. Os ambientes, tal como se apresentam, definem bem a relação que se estabeleceu, já na origem, entre a biblioteca e o público.

E se o centro das atenções não repousa na leitura presencial, mas no conjunto do acervo e no espaço que o abriga, é mister repensar as funções do *mouseion*. Abandona-se a escrita e retoma-se o valor da palavra. Porém, se esta proposta se confirma, por que a construção de uma biblioteca física?

A questão não se dirige apenas ao projeto Brasileira, tal como ele se apresenta hoje na Universidade de São Paulo, mas a todas as bibliotecas contemporâneas e, particularmente, àquelas que se inserem no ambiente acadêmico. Como buscamos demonstrar no tópico anterior, estas instituições têm investido em edificações de alto padrão, fundadas nos princípios de conservação, preservação e amplo acesso ao livro – e a outros materiais midiáticos que compõem atualmente as bibliotecas ou midiatecas. Ao mesmo tempo, investimentos enormes são destinados à digitalização dos livros, na perspectiva de se abrirem bibliotecas sem muros, nem fronteiras. A Brasileira Digital, nesse aspecto, faz coro com outros projetos nacionais e internacionais o que, aparentemente, contraria a valorização dos espaços físicos. Como lidar com essa tensão?

É preciso assumir que a biblioteca física e a virtual compõem uma mesma realidade e atendem aos propósitos de uma revolução midiática em curso.

39 O exemplo de Alexandria ensina que uma biblioteca nasce, vive e morre. E sua morte, não raro provocada por cataclismos da história dos homens, coloca em alerta uma outra questão atual: o fim do interesse pelos livros, associado ao desinteresse pela vivência nos museus, esvaziam esses espaços e os delegam ao esquecimento. Nesse caso, vale a pena refletir se o esvaziamento e o esquecimento de uma biblioteca significa necessariamente a sua morte (Guillaume de Laubier e Jacques Bosser, *Bibliothèques du Monde*, Paris, Éditions de la Martinière, 2014, p. 10).

Impressos devem ser preservados e as edificações modernas não podem perder de vista as condições necessárias para este fim. Bibliotecas, já o assinalamos, são construções sociais, portanto, sua função de acesso ao público não deve ser ignorada, mesmo que as consultas presenciais tendem a cair em relação às consultas virtuais. Nesse ponto, o bom senso prevalece frente aos modismos. Ou seja, tanto a biblioteca do passado, quanto a do presente se caracteriza pela produção de metadados, ela hierarquiza as informações, o que a torna essencial em um mundo onde as informações, os impressos e os dados não cessam de aumentar. Como afirma Frédéric Barbier:

A biblioteca, tanto como lugar (físico), quanto como recurso (virtual) constitui em si um espaço novo, de ordenamento e de aprendizado em relação a uma infosfera de uma riqueza aterrorizante: de certa maneira, ela filtra os dados e os recursos, ela os organiza e ela restabelece, desse modo, uma certa inteligibilidade em uma paisagem aparentemente caótica<sup>40</sup>.

Tal perspectiva já estava prevista nos fundamentos que definiram o projeto original da Biblioteca Brasileira:

A coleção de obras raras e especiais exige ser conservada e preservada; de um lado, os livros demandam controle de condições ambientais, limpeza e conservação permanentes (em alguns casos, restauro), condições adequadas de segurança física, condições adequadas de segurança patrimonial, e de outro lado, o sentido de sua conservação e preservação depende integralmente da ampla divulgação e acesso, razão pela qual as tecnologias digitais têm papel protagonista<sup>41</sup>.

Deve-se, nesse sentido, apostar na arquitetura como um meio de comunicação poderoso<sup>42</sup>, capaz de agregar diferentes saberes, sob a forma de exposições, fóruns, seminários, cursos etc. Ademais, as bibliotecas não podem prescindir de seu papel histórico na produção de conhecimento e os campos de atuação são ilimitados no quadro atual das pesquisas. Experiências concretas, observadas na Biblioteca Brasileira, demonstram que é possível multiplicar práticas cotidianas de pesquisa sob a forma de projetos que dinamizam a instituição e tocam a comunidade. É o que observamos por meio da abertura de editais para pesquisadores,

40 Frédéric Barbier, *Histoire des Bibliothèques. D'Alexandrie aux Bibliothèques Virtuelles*, Paris, Armand Colin, 2013, p. 289 [trad. bras.: *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*, São Paulo, Edusp, 2023]. Sobre a tensão constante entre a massa informacional das sociedades modernas e os critérios de escolhas entre os profissionais da informação (cf. Luís Milanesi, *Biblioteca*, 3. ed., Cotia-sp, Ateliê Editorial, 2013).

41 Rodrigo Mindlin Loeb, "Um Sonho Quase Impossível", *Revista do Livro da Biblioteca Nacional*, n. 55, ano 19, Rio de Janeiro, 2015, p. 27

42 Anne-Marie Bertrand e Anne Kupiec, *Ouvrages e Volumes. Architecture et Bibliothèques*, avec la collab. de Joseph Belmont, Michel Melot, Daniel Payot, Paris, Éd. du Cercle de la Librairie, 1996.

nas modalidades associados, residentes e visitantes. Ou nas atividades culturais, estruturadas hoje nos seguintes eixos: “Café Acadêmico”; “Colóquios Mindlin”; exposições temáticas; “Música na BBM”; encontros, simpósios, seminários etc.<sup>43</sup>

Nesse caso, o conceito de “brasiliana digital” poderia se expandir para frentes novas que ultrapassem o objetivo estrito da preservação e do livre acesso, como tem feito as bibliotecas de modo geral. Conforme apontamos no tópico anterior, os livros constituem um patrimônio nacional e as bibliotecas especializadas em raridades podem e devem construir uma rede mais articulada e focada nessa noção de bem patrimonial. O que isso significa? Que é o momento de integrar as coleções brasileiras em uma plataforma comum. Tal projeto permitiria não apenas a valorização e salvaguarda dos livros raros, mas um conhecimento mais profundo e sistematizado da bibliografia brasileira, segundo a proposta de Rubens Borba de Moraes. Além disso, uma rede brasileira integrada permitiria ao estudioso, ou ao leitor, uma visão de conjunto do patrimônio bibliográfico brasileiro, sua história e suas idiossincrasias. Tomando o livro como objeto de estudo, tal perspectiva de consulta teria, ademais, muito a acrescentar nas investigações pautadas na bibliografia material, na medida em que essa perspectiva faz prevalecer o princípio irrevogável de que cada livro, ou melhor, cada exemplar de uma biblioteca tem sua personalidade<sup>44</sup>.

Integrar a vida da biblioteca ao museu, eis o grande desafio das instituições de leitura nos dias atuais. Pois, se é certo que a vida de uma biblioteca não pode prescindir das atividades culturais que atraem a comunidade e dinamizam seu acervo, não é menos certo que os livros que compõem este acervo devam constituir peças de um museu vivo e aberto ao público. Além disso, a própria constituição do acervo deve ser tratada como um objeto de investigação permanente. Onde a importância de se conhecer não apenas a história da constituição da biblioteca brasileira, mas também os múltiplos significados do termo brasileira e as diferentes aplicações de seu conteúdo. Pois tanto a palavra quanto o conceito, conforme assinalamos anteriormente, estão em permanente mutação. Falávamos em uma coleção particular, não demoramos a migrar para a noção de *corpus* bibliográfico e daí para a de objeto de estudo. Mas a Brasileira é também um edifício, um complexo arquitetônico e museológico. Ela é hoje um recurso virtual. E o que ela será amanhã?

43 Todas estas ações são publicadas no *site* da instituição: <https://www.bbm.usp.br>.

44 Temos insistido na importância do modelo adotado na Alemanha, a saber, uma plataforma para todas as bibliotecas do país, da Áustria e da Europa que preservam edições históricas alemãs, entre livros, revistas, jornais, música impressa, mapas e literatura efêmera. O projeto foi dirigido por Bernhard Fabian e pode ser consultado em <http://fabian.sub.uni-goettingen.de/fabian?Home>.